

SEXTA-FEIRA

13

JULHO

1934

Alma Popular

Jornal republicano, literário e noticioso, defensor dos interesses do concelho d'Oliveira do Bairro e da região bairrada. — radina —

Propriedade da Empresa da «ALMA POPULAR»

Editor — Mário d'Oliveira da Silva Briosa

FUNDADORES E DIRECTORES

Dr. Manuel dos Santos Pato
Tiago A. Ribeiro

Redacção, Administração e Tipografia

OLIVEIRA DO BAIRRO

A Alemanha

Todo o mundo tem os olhos fitos na Alemanha. Os acontecimentos sangüinários, fuzilamento de homens de valor e predomínio, generais com serviços prestados à Pátria, executados sem previamente serem submetidos a qualquer espécie de julgamento, impressionaram vivamente o povo.

O «nazismo» tem os seus dias findos, porque, como diz o *Matin*, podem-se fuzilar os chefes descontentes, mas não se fazem desaparecer os motivos de descontentamento. A violência não é a ordem e a ordem não se assegura na multidão, como nos espíritos, senão quando aqueles que dela se encarregam dão o exemplo nos seus costumes como nas suas directivas. Diz-se, e muito bem: «Abriram-se algumas covas nos cemitérios, mas não se abriu nenhuma solução à vida nacional alemã. O nazismo, que pretendia resumir na sua acção a perfeita unidade moral e política da raça germânica, sossobra, ao cabo de uma experiência de 17 meses, na desordem, na anarquia, no descrédito e sob as custódias das baionetas».

O Povo de Aveiro, no seu último número, o do dia 8 do corrente, vem salpicado de artigos oportunos, sobressaindo o epígráfico — «Para onde vai a Alemanha?» Não fugimos à tentação da transcrição do final do formidável artigo «Para onde vai a Alemanha?»: «O pobre do Hitler, elevado até as nuvens por uma súcia de patetas, que o proclamavam um génio, acabou de a arrazar. Não fez senão asneiras, o desgraçado. Fez asneiras com a treta da sua superioridade da raça, fez asneira com a bestial perseguição dos judeus, fez asneira com a mania de se fazer papa do protestantismo alemão, fez asneira prometendo aos alemães mundos e fundos quando estava na oposição, não podendo depois cumprir o que prometera, e fez asneira agora, com a maneira selvagem por que reprimiu a in-

Agradecimento

A natural debilidade da minha velhice e a opressão das enfermidades que lhe são inerentes não me permitem agradecer individualmente, como era minha obrigação e meu desejo, às pessoas de todo o meu respeito, quer singulares quer corporativas, os testemunhos de carinhosa estima com que me honraram e fundamente me penhoraram e confundiram na sua afectuosa visita ao meu ermo em 17 do corrente mês de Junho.

Seja-me, pois, permitido recorrer a esta confissão pública para lhes assegurar a minha impercível gratidão pelos inumeráveis favores e gentilezas de amizade que nesse dia me prodigalizaram com uma generosidade sem limites.

A cidade de Aveiro e a vila de Eixo, aos seus eloqüentíssimos intérpretes, às suas digníssimas autoridades e corporações, e a todos os seus nobilíssimos filhos, de todas as classes, que por qualquer forma me distinguiram com sinais da sua afeição; aos seus hóspedes e vizinhos que a seu convite se lhes juntaram e pelas suas liberalidades me desvaneceram e verdadeiramente me prenderam; aos muito ilustres e venerados professores das Faculdades de Letras das Universidades de Lisboa e Coimbra, cujos talentos, por extrema condescendência, não duvidaram considerar as minhas pobres obras e a minha vida; à Imprensa e aos seus inteligentes obreiros incansáveis, à infinita bondade dos quais devo e sempre devi incitamento e alento que, perdoadando-me as faltas, me afoita a prosseguir enquanto me penhora e me comove: — a quantos, enfim, com a sua amizade me engrandeceram naquele dia para sempre lembrado e caríssimo ao meu coração reconhecido, prometo guardar a mais firme e inquebrantável gratidão.

Eixo — Quinta de S. Francisco, 20 de Junho de 1934.

JAIME DE MAGALHÃES LIMA.

disciplina partidária. O mundo culto está horrorizado. A Alemanha está pagando caro, desde a grande guerra, o seu velho espírito de violência. O seu desprezo pelo direito, a sua apologia constante da força, a força prime le droit, o seu orgulho, desmedido orgulho, afrontando todos os povos, com a sua pretensa superioridade. O nazismo, a sua última esperança, está em terra. Hitler perdeu todo o prestígio. E agora? Para onde vai a Alemanha?

O futuro o dirá.

Tito.

O homem mais velho do mundo

Segundo telegramas publicados nos jornais da semana passada, morreu o famoso turco Zaro Agha, que passava por ser o homem mais velho de todo o mundo. Dizem que contava 165 anos de idade!

Um esclarecimento

No último número foi publicada uma declaração do nosso assinante, sr. Abel Dias, de Vila Verde. Tornase necessário esclarecer a aludida declaração, porquanto Abel Dias, residente em Aveiro, não se identifica a pessoa, visto que com este nome ali existe um funcionário superior da C. P.

Abel Dias, em referência, é o guarda-fios que aqui, durante muitos anos, prestou serviço a contento dos seus superiores e do público, visto ser muito respeitador. Hoje, Abel Dias presta serviço na Direcção dos Correios e Telégrafos da cidade d'Aveiro, onde tem grangeado simpatias dos seus superiores hierárquicos e de todas as pessoas que com ele convivem.

Mesmo em todo o nosso concelho não nos consta que o sr. Abel Dias, guarda-fios, tenha praticado qualquer acção menos digna, tratando até com carinho as próprias criancinhas.

RECEPTORES FILIPS. Vendem-se na Relojoaria Neves.

ECOS

A ALEMANHIA

A PÓS a Grande Guerra, provocada, em 1914, pelas desmedidas ambições de Guilherme II, e que deu a vitória aos aliados em 1918, foi, nesse mesmo ano, destronada a família imperial e proclamada a República na Alemanha.

A sua Constituição Política teve um caracter acentuadamente democrático, e, durante 15 anos, até 1933, predominaram governos da Social Democracia.

Porém, em 30 de Janeiro do ano passado, um movimento revolucionário estabeleceu a ditadura, tendo Hitler por chanceler. Verifica-se depois uma acintosa perseguição, não só aos comunistas, como aos socialistas e democráticos, que foram julgados, politicamente, exterminados.

Há, portanto, ano e meio que a Alemanha é governada sob a égide hitleriana.

Pois acaba de dar-se ali um novo e tenebroso movimento revolucionário. Sairá de que elementos? — perguntará o leitor, que desconhece o que se passa na politica internacional. Dos comunistas? Dos socialistas? Dos democráticos? Não. Das próprias hostes hitlerianas!

Dizem uns que da corrente esquerdista daquele partido, e outros afirmam que dos elementos afeiçãoados ao ex-Kaiser, portanto à monarquia.

Dessa confusa situação resultou simplesmente uma onda de sangue — consequência dos brutais fuzilamentos dos próprios chefes da ditadura hitleriana!

Já os grilos do padre Patagônia se comiam uns aos outros.

CADA TOLO...

ISTO vem nos jornais: — «Na Polónia, um cidadão qualquer, aborrecido da vida, foi barbear-se e cortar o cabelo, comprou um caixão, colocou-o em casa, acendeu-lhe em volta quatro castiçais, e, depois de todo encolarinhado e vestido de preto, meteu-se dentro do ataúde, fechando-o por dentro.

Depois, daí a pouco, a vizinhança ouviu dois tiros: — Pum! Pum!

Foram vêr o que era. E reconheceram que o bom cidadão andára realmente com o mesmo desejo, que teve em vida, de não querer nunca incomodar os outros».

Cada tolo com sua mania!

Assinai e propagai a «Alma Popular».

DESTINOS POLÍTICOS

FALANDO, noutro dia, sobre os destinos políticos do mundo, Masarik, chefe de Estado da República Tcheco-Slováquia, formulou estas considerações:

«De trinta e cinco Estados da Europa a maioria é constituída por repúblicas ou monarquias constitucionais. Depois da guerra, é certo, estabeleceram-se algumas ditaduras, mas também ruíram algumas monarquias, como, por exemplo, a Espanha. Estas ditaduras não teem ainda quinze anos. A República Francesa, com os seus sessenta anos, é ainda uma criança.

As outras democracias da Inglaterra, Suíça, Holanda e Noruega são mais velhas, mas não abaladas pela onda das ditaduras».

SORTE GRANDE

COSTUMA dizer-se que a sorte grande sai sempre... aos outros.

Há um indivíduo que contradiz flagrantemente tal afirmação. Chama-se o «felizardo»: José Gonçalves Perfeito, proprietário — e agora novo e grande capitalista — em Moura.

Por duas vezes, a seguir, lhe saiu a «taluda», num total de véras fascinador de 3:400 contos.

Gonçalves Perfeito é realmente um perfeito homem de sorte. Que lhe preste!

REMATE CÓMICO

CRISTÓVÃO Lopes era um mercador gordo e verme-lho do tempo de D. Manuel I e que um belo dia se permitira o luxo de se arruinar por uma mulher bonita. Uma tarde chegou-se-lhe um frade humilde e pediu-lhe um ceitel para o azeite de Santo António.

Respondeu-lhe desdenhosamente o mercador:

— Dizei a Santo António que se deite de dia; que faça como eu...

Máquinas de costura Pfaff, as melhores. Confrontem qualidade e condições. A venda na Relojoaria Neves.

Parlamento francês

Os jornais, referindo-se ao encerramento da sessão parlamentar, prestam novamente homenagem ao Parlamento e, em particular, á tenacidade e bom senso do governo Doumergue. *Le Matin* diz:

«Fazendo-se o balanço dos trabalhos verifica-se que foram tomadas medidas cujos efeitos benéficos não deixarão, certamente, de se fazer sentir dentro em breve».

HORAS LIRICAS

A NOSSA CASA

Dizem que a nossa casa é pequenina;
Mas eu não sei porquê, acho-a tão grande!
Se é dentro dela que este amor se expande
E toda a nossa vida se ilumina!

Nela não cabe a inveja, que malsina,
Embora, às vezes, passe á porta e ande...
Pois não encontra quem a queira e mande
Turvar a água pura e cristalina...

E' por isso que a acham tão pequena?
— Seja lá como fôr... Não tenho pena,
Ninguém como eu o seu tamanho sabe.

E nesta doce idêa me concentro;
Não há casas pequenas se, lá dentro,
Um grande amor inteiramente cabe...

ESPINOLA DE MENDONÇA.

DE LONGE...

O emigrante português

Por toda a América onde se
encontre um português, quer êle
trabalhe ou esteja desemprega-
do, vive um coração que pulsa e
uma alma que vibra, falando ou
pensando na sua aldeia pequeni-
na e linda, lá longe, situada sô-
bre a doce terra da Pátria. E,
quando chega a este grande país
de Democracia mais algum emi-
grante conhecido, vindo da sua
aldeia, todos os conterrâneos se
acercam dêle e fazem mil pre-
guntas — um nunca acabar de
preguntas e respostas:

— «Os meus queridos pais vão
de saúde?... Estão velhinhos?...
Coitadinhos! Tão meus amigui-
nhos são!

— A minha querida mulher e
os meus filhinhos ficaram bem?...
Estão crescidos?... Trágo-os no
coração!...

— Aqueles nossos amigos da
infância e da mocidade, o João,
o José, o Manuel, o Germano e
o Augusto já se casaram, hein?!
Que sejam felizes e não precisem
emigrar...

— A nossa «União» prospé-
ra?!...

— O dr. Pato, o dr. Carlos, o
Tiago, o Jaime, o Lauro, o Sara-
bando, o Duque, o Jacinto, o Vi-
torino, o Manuel Rei, o Costa, o
Santos Ferreira, o Cardoso, o
Carvalho, o Briosos e tantos ou-
tros meus amigos, vão bem?...
Assim o desejo.

— E, escuta lá, a minha na-
morada, a Margarida, ainda está
solteirinha? Olha o nosso retra-
to à beira-mar!... Tempos felizes!...

— E a nossa aldeia tão linda,
sempre tapetada de verdura e
flores! Nela canta ainda o lavra-
dor, semeando?... Brincam as
lindas e despreocupadas crian-
ças?... Cantam as guapas raparigas,
pensando nos seus amo-
res?...

— Já entregou as suas proprie-
dades aos credores mais algum
lavrador?...

— Tem-se feito grandes me-
lhoramentos?...

— Aquela estrada de Bustos a
Ouça e aquela da Palhaça a Sal-
gueiro, e aquela outra..., todas
elas intranzitáveis quando vim,
disseram-me que iam ser «asfal-
tadas» ou cimentadas como estas
cá na América. E' verdade?

— E o govêrno?!...

Depois dum sem número de
preguntas e respostas, calam-se,
afinal, mas com os olhos sempre
fitos na Pátria...

Haverá, porventura, alguém
que, não tendo abandonado o
lar, sinta a dôr do emigrante, a
saúde e a nostalgia? Oh! não.
Quem nunca emigrou nunca sen-
tiu esta dôr profunda que estala
fibra a fibra os grandes cora-
ções...

— Mas porque não é o emi-
grante português como o dou-
tras nacionalidades, mais alheio
a esta dôr? Donde brotou este
patriotismo? De Afonso Henri-
ques, o rei conquistador? E a
saúde e a nostalgia? Dos he-
róricos navegadores que o velhi-
nho do Restelo viu partir? Tal-
vez. E se esta «dôr consolado-
ra» brotou de então, nunca mais
abandonou quem parte, fazen-
do-o pensar na sua doce terra
tão amada, hora a hora, dia a
dia...

Emigrar! Emigrar!... Triste
destino! Emigrar como as ando-
rinhas que, chegando o inverno,
batem azas, vão de abalada, pa-
ra fugir à morte, mas que com a
Primavera aí voltam refazer seus
ninhos. Como deve ser bom!

Mas quantos e quantos emi-
grantes deixaram a Pátria em
plena primavera da vida e só
puderam regressar no outono,
velhos, alquebrados e pobres, e
encontraram desfeito o lar!...
E quantos outros, menos felizes
ainda, que, pensando no lugar
ditoso donde partiram, adorme-
ceram embalados no negro sono
da morte, pelos hospitais, sem
os desvelados carinhos duma
boa mãe, duma esposa ou duma
irmã! Outros, pelos quartos or-
de viveram e tiveram como úni-
co amparo algum amigo e com-
panheiro de luta — o qual mor-
rerá nos braços doutro amigo,
ou será esmagado debaixo duma
«Shavel», ou soterrado numa
mina...

Se ventura maior não conse-
guir na vida, seja esta ao me-
nos: sonhando aqui, com os
olhos fitos na Pátria e o coração
na minha aldeia...

Perth Amboy, N. J. (América do Norte),
Junho de 1934.

Hilário Simões da Costa.

Livros & Revistas

A Ballarina dos Olhos
Branços — Por G. Medi-
na Camacho e António C.
Rocha.

Eis um livro de literatura
Colonial, que apetece ler. Os
seus autores, por entre al-
guns escândalos de uma mu-
lher formosa que se estreia
no Teatro «Varietá», de Lou-
renço Marques, levam-nos
através de toda a Colónia,
envolta nas emoções das via-
gens, das intrigas amorosas
ou de curiosíssimos episó-
dios que a vida mundana far-
tamente fornece á confecção
do livro.

Livro esplêndido sob todos
os aspectos, tanto da vida ci-
vilizada, como da vida indí-
gena.

G. Medina Camacho e An-
tónio C. Rocha, autores do
livro, são talvez severos, na
crítica á vida citadina, civiliza-
da, de Lourenço Marques e
da Beira, mas são muito in-
teressantes na descrição dos
lugares e das viagens atra-
vés da Colónia e até no Trans-
vaal.

Este belo livro está á ven-
da em toda a parte e no edi-
tor, sr. Nunes de Carvalho,
Rua dos Poiais de S. Bento,
56, 1.º—Lisboa.

Agradecemos o exemplar
que nos foi oferecido.

LUTUOSA

No dia 1 do corrente fale-
ceu em Agueda a sr.ª Maria
da Silva Cura, extremosa mãe
dos srs. dr. João Cura Ma-
riano, juiz em Vila Flôr,
Amantino Cura Mariano, com-
erciante naquela vila, e D.
Carmelina Cura Elvas, espo-
sa do sr. dr. António Elvas,
médico em Almada.

Senhora muito bondosa, a
sua morte foi geralmente
sentida, pelo que o seu enter-
ro teve larga concorrência.

A toda a família enlutada,
enviamos o nosso cartão de
sentidas condolências.

Da Barra de Aveiro

9 de Julho

Antes tarde que nunca. Até
que enfim, vamos em breve vêr
a Praia do Farol dotada com
uma nova Assembleia, para o
que, de há tempo, procedem á
construção de um edifício pró-
prio. Era tempo bastante para
que aquele barracão inestético,
ainda hoje deplorável á vista de
quem o vê, pelo ponto em que
se encontra, fôsse substituído, no
fim a que até agora o destina-
vam, por uma obra decente, co-
mo o é a que se anda a cons-
truir, e que dá já um pouco mais
de vida e realce a esta praia —
pobre praia! — que, pelo menos
até á data, não tem sido mais
que uma filha bastarda esquecida
pelo pai e que a mãe abando-
nou.

Todavia, graças aos estranhos
que, vendo-a inteiramente des-
provida da mais pequena par-
cela de interesse por quem de di-
reito, lhe tem dedicado um
pouco de carinho, vai-se lev-
tando alguma coisa do já cróni-
co marasmo em que há tanto
tempo tem vivido, sem uma la-
mentação, sem um grito de pro-
testo sequer...

Podia a Praia do Farol ser —
incontestavelmente! — uma das
melhores e mais apreciáveis pra-
ias portuguesas; podia rivalizar
com as melhores de Portugal, por-
que poucas há que usufruem os
privilégios da natureza que esta
possui; mas o que ainda não
houve foi quem os soubesse
aproveitar, por ignorância ou
por destituição de força de von-
tade. E esta é tudo, em todas as
obras do homem. A força de
vontade falta, aqui ou além? En-
tão vai tudo por água abaixo, e
o tão apregoado progresso tor-
nar-se-á, incontestavelmente, em
retrocesso.

— Consta que teremos em
breve, aqui, luz electrica. Será
um facto? Se assim fôr, será um
melhoramento apreciável; mas...
promessas há tantas!... Mas será
agora?

Não se compreende que, en-
quanto a Costa Nova, ali a dois
passos, irradia luz a jorros, a
praia da Barra se mantenha mer-
gulhada nas trevas, na mais las-
timavel escuridão. Como com o
tempo tudo vem, vamos a vêr
se, desta vez, também a luz virá.

— Após umas discórdias com
sua mãe, suicidou-se, utilizando
o sistema da força, no dia 27
de Junho p. p., ás 23 horas e
em sua casa, ali na Gafanha da
Encarnação, João Sarabando, sol-
teiro, de 23 anos de idade.

— Na Gafanha da Nazaré, o
sr. José Laranjeira ouviu, no dia
2, á noite, quando já todos dor-
miam, uns rumores estranhos
dentro de casa. Levantou-se e,
talvez por pressentimento, foi
ao quarto da criada, onde esta
se encontrava, e qual não foi o
seu espanto quando deparou
com um grande *ratão* anichado
debaixo da cama. Talvez a exis-
tência daquelle «animal» tivesse
sido motivada por o sr. José La-
ranjeira não usar em casa trigo
rôxo...

— Está já aberto, na praia, o
antigo estabelecimento, de café-
cervejaria, dirigido pelo seu di-
gno proprietário, sr. Mário Sa-
rabando.

C.

*Se alguém tiver necessidade,
socorre-o; se se desviar da vir-
tude, chama-o a ela; se vacilar,
ampara-o; se cair, levanta-o.*

Foot-ball

No domingo realizou-se
nesta vila um desafio de foot-
ball entre o «União Foot-Ball
Club Vilarinhense», de Vila-
rinho do Bairro, e o «Sport
Club Oliveirense», vencendo
o grupo visitante por 4—1.

Grafonolas e discos «Odeon»
e «Brunswick», vendem-se na
Relojoaria Neves.

Vida Escolar

Com boa classificação, con-
cluiu o 3.º ano do curso de
máquinas e electrotécnia, do
Instituto Industrial de Lis-
boa, o sr. António José d'Al-
meida, filho do nosso amigo,
sr. Feliciano d'Almeida, ge-
rente da Fábrica Cerâmica
desta vila.

Ao aplicado estudante e a
seu pai, enviamos sinceros
parabens.

Comissão Venatória do Concelho de Oliveira do Bairro

AVISO

ESTA Comissão Venatória faz saber que é expressamente
proibido trazer cães á solta durante o defeso da caça,
que é desde 16 de Fevereiro a 31 de Agosto, inclusivé, de ca-
da ano.

A transgressão destes preceitos legais será punida com a
multa de 65\$00 pela primeira vez e de 130\$00 nas reincidên-
cias.

Existe neste concelho uma activa e rigorosa fiscaliza-
ção, que será severa na aplicação das penas.

Quem se compenetrar do seu dever, e o cumpra, evita as
pezadas sanções da lei e satisfaz os desejos desta Comissão.

Secretaria da Comissão Venatória do Concelho de Oliveira
do Bairro, em 26 de Março de 1934.

O PRESIDENTE,

Joaquim Ferreira de Carvalho.

